



POBRES COSSACOS

Luiz de Alencar Araripe

O artigo é tradução do capítulo "Arme Kosaken", do livro "Die Gefangenen - Leben und Überleben Deutscher Soldaten Hinter Stacheldraht" (Os prisioneiros - vida e sobrevivência de soldados alemães atrás do arame farpado), de Paul Carell e Günther Böddeker - 1980 - Verlag Ullstein GmbH.

Descreve, em toda a sua dramaticidade, um aspecto muito pouco conhecido da Segunda Guerra Mundial: o destino dado, pelos soviéticos, a compatriotas prisioneiros de guerra e a remanescentes de uma divisão de cavalaria cossaca, constituída de antigos imigrantes russos, que lutara ao lado das tropas alemãs.

NOTA INTRODUTÓRIA

A Comissão Científica para a Documentação do Destino dos Prisioneiros Alemães da Segunda Guerra Mundial, nomeada pelo governo da República Federal da Alemanha, trabalhou durante 17 anos, de 1957 a 1974. Sua missão: "Pesquisar o destino dos 11 a 12 milhões de prisioneiros de guerra em custódia, em, no mínimo, 20 Estados, desde os anos da guerra até 1956, quando o último desses prisioneiros voltou a seu lar, em toda a sua extensão e variedade, como um trecho da História alemã contemporânea."

A Comissão foi presidida

pelo Professor de História Erich Maschke, prisioneiro de guerra na União Soviética durante oito anos, até 1953, quando voltou para a Alemanha. A Comissão compulsou 400.000 depoimentos de prisioneiros e mais de 50.000 relatórios; organizou seus próprios questionários e promoveu entrevistas. O resultado de seus trabalhos está registrado em 10.000 folhas impressas, reunidas em 22 volumes. Dois deles foram divulgados, à época de sua conclusão. Os demais não, pois o Chanceler Willy Brandt julgou que tal divulgação seria prejudicial à política de reconciliação da República Federal da Alemanha.

Hoje, os resultados da pes-

quiza estão à disposição do público, e dois escritores e jornalistas alemães — Paul Carell e Günter Böddeker — utilizaram-nos para escrever *Die Gefangenen*. Alegam os autores que, "passadas três décadas e meia da guerra, as feridas que nós alemães infligimos estão permanentemente em debate". Por que não falar das feridas impostas a uma grande parte da geração de guerra alemã? — perguntam os autores.

Die Gefangenen narra os terríveis sofrimentos dos prisioneiros de guerra alemães, muitos deles só liberados pelos russos doze anos após o término do conflito. Pior ainda foi o destino dos russos, ou dos que os soviéticos consideram como russos, aprisionados pelos aliados ocidentais. Dentre eles estava o "povo de cavaleiros" — os cossacos — que, como os ucranianos, lituanos e outros mais, combateram ao lado dos alemães, na esperança de ajudarem a libertar sua terra do jugo soviético.

O capítulo "Pobres Cossacos", de *Die Gefangenen*, trata do destino dessa gente, entregue ao Exército Vermelho pelos ingleses, em decorrência do acordado em Ialta. O tradutor já conhecia fragmentos do episódio, narrados por um oficial da Bundeswehr que combatera ao lado dos cossacos e presenciara sua entrega aos russos. Daí o seu interesse pela tradução do capítulo, parte de um livro que trata de assunto muito pouco conhe-

cido da Segunda Guerra Mundial.

POBRES COSSACOS

Dentre as mais tristes vítimas da Segunda Guerra Mundial, estão os prisioneiros de guerra soviéticos. Seu sofrimento de modo algum terminou com o fim da guerra. A vitória de sua pátria sobre os alemães não foi para eles ligada ao triunfo, e sim à proscricção. Para todos eles, valeu a ira fria do senhor do Kremlin, Josef Stalin.

Ao aproximar-se o fim da guerra, aumentou o número de cidadãos soviéticos que caíram nas mãos das tropas americanas e inglesas: dez mil tinham sido utilizados pelos alemães como força de trabalho; dez mil permaneciam, ainda, nos campos de prisioneiros: milhares de russos haviam vestido o uniforme da Wehrmacht e combatido ao lado das tropas alemães, muitas vezes para fugir à morte certa pela fome; ou porque, como os soldados do Exército Wlassow, queriam ajudar a derubada do regime comunista em sua terra.

Mas Josef Stalin tudo fez para vingar-se de todos os homens e mulheres que, a seu ver, não haviam lutado até o fim, ou que, a seus olhos, se tinham transformado em traidores.

Em 5 de fevereiro de 1945, encontraram-se em Ialta, na Crimeia, o Presidente Roosevelt, o Primeiro-Ministro Winston Chur-

chill e Josef Stalin, para decidir o que aconteceria com a Alemanha depois do fim da guerra.

Nessa conferência, Stalin fez da Inglaterra e da América cúmplices de seu longamente planejado propósito de apoderar-se de todos os cidadãos soviéticos que haviam escapado de seu domínio durante a guerra.

Na conferência de Ialta, foi acordado que todos os cidadãos soviéticos que se encontravam sob custódia dos aliados ocidentais seriam entregues à União Soviética. Como contrapartida, a União Soviética comprometeu-se a entregar aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha os americanos e ingleses que estavam nos campos de prisioneiros alemães.

Enquanto os prisioneiros ingleses e americanos se regozijaram em poder voltar à sua terra natal, os cidadãos soviéticos que estavam no Ocidente apavoraram-se com a repatriação. Muitos temiam ser sentenciados a trabalhos forçados ou à morte. E temiam com razão.

O duro núcleo do Acordo de Ialta significava que os cidadãos soviéticos, mesmo contra a vontade e, caso necessário, sob coação, seriam entregues aos comandos de Stalin.

Esse acordo, ajustado na ilha do Mar Negro, significava uma sangrenta tragédia. Muitos cidadãos soviéticos preferiam morrer a cair nas mãos de seus compatriotas.

Pouco antes do fim da guer-

ra, foi fundada, na Grã-Bretanha, uma comissão composta de oficiais ingleses e soviéticos. Sua tarefa era encontrar, dentre os prisioneiros, aqueles que, em 1938, tinham vivido em território da União Soviética e mandá-los de volta para lá, se necessário à força. Bálticos, poloneses ou ucranianos ocidentais não eram, aos olhos dos ingleses, cidadãos soviéticos.

Um grande número de russos sob custódia britânica declarou perante a comissão anglo-soviética que, a preço algum, desejava voltar para a Rússia. Um dos oficiais ingleses da comissão de procura escreveu o que lhe disse um desses russos: "Ele não queria voltar para a Rússia, pois se envergonhava de ser cidadão da União Soviética. Seu pai fora padre da Igreja russo-ortodoxa. Os soviéticos primeiro cortaram-lhe a língua, para que ele não mais pudesse pregar; depois, fuzilaram-no. O russo, que agora estava frente à Comissão, fora jogado na prisão e fugira para a floresta. Quando os alemães chegaram, passou para seu lado e lutou de armas na mão."

Um outro prisioneiro gritou para o oficial russo: "Vocês mataram o meu pai, mataram minha mãe, mataram meu irmão e eu peço ao General inglês que será melhor fuzilar-me agora do que me mandar de volta para a União Soviética."

Já em fins de março de 1945, seis semanas antes do fim da guerra, no porto de Li-

Liverpool, um primeiro navio foi carregado com russos que haviam sido aprisionados na França, com uniforme da Wehrmacht. O destino do navio era o porto de Odessa, no Mar Negro. Soldados americanos e ingleses empurraram os infelizes pelas rampas de embarque. Um dos russos, à vista do navio que o deveria levar de volta à pátria, matou-se cortando a garganta com uma navalha.

Em Odessa, os prisioneiros foram desembarcados e, antes de ser retirada a prancha de desembarque, dois de seus camaradas foram fuzilados atrás de um armazém.

Em meados de maio de 1945, novamente um navio atracou no cais de Liverpool, para transportar russos de volta à sua pátria. O nome do navio inglês: *Empire Pride* – Orgulho do Império. Cerca de 3.000 prisioneiros soviéticos foram postos a bordo. Um dos russos, no cais de Liverpool, cortou a garganta com um caco de vidro. Um médico inglês costurou a ferida, e o homem foi levado a bordo. Um dos oficiais ingleses da escolta narrou: “Ele foi despido e atado, de pés e mãos, a um beliche. Apesar disso, por duas vezes conseguiu reabrir a ferida.”

O inglês escreveu sobre a chegada do navio a Odessa: “Os órgãos soviéticos não queriam reconhecer nenhum dos estropiados como tais; mesmo os que estavam à morte tinham de deixar o navio caminhando e arrastando sua bagagem. Somen-

te dois homens foram transportados do navio: um com a perna direita amputada e a esquerda quebrada, e outro que estava inconsciente. Um prisioneiro que havia tentado suicídio foi tratado cruelmente; primeiro, rasgaram-lhe a ferida, começando o sangue a correr; depois, levaram-no para detrás de um grande caixote, que estava no cais. Então, ouvimos um tiro, e nada mais se viu.”

Trinta e um dos prisioneiros chegados ao porto de Odessa foram levados para um edifício, não longe do local de atracamento do *Empire Pride*. Depois, os ingleses ouviram disparos de metralhadoras de mão.

Ninguém sabe quantos dos russos entregues pelos aliados ocidentais à vingança de Stalin foram fuzilados. É certo que a maioria dos homens e mulheres foi objeto de violência, e tiveram de passar muitos anos na prisão.

O pior dos destinos desses cidadãos soviéticos, no entanto, foi obscurecido pela tragédia de todo um povo: os cossacos.

Já durante a Revolução de Outubro, em 1917, e nos anos subseqüentes, de guerra civil, os cossacos haviam combatido contra os comunistas. Após a vitória do Exército Vermelho, milhares de cossacos e seus oficiais fugiram para o Ocidente.

Quando os alemães invadiram a União Soviética, o povo do sul do país pensou haver soado a hora de expulsar os so-

viéticos. A partir do outono de 1943, uma divisão de cavalaria cossaca, sob o comando do Tenente-General alemão Helmuth von Pannwitz, combateu ao lado da Wehrmacht. Os alemães empregaram seus irmãos de armas da estepe na luta contra os *partisans* de Tito.

Ao aproximar-se o fim da guerra, a massa de cossacos e de suas famílias estava reunida na região Sul dos Alpes. O temor da vingança dos *partisans* iugoslavos levou-os a cruzar os Alpes, em direção à Áustria. Lá, o povo de cavaleiros entregou-se às tropas inglesas. Nas carroças, muitos soldados levaram consigo sua família: mulheres, crianças e bebês.

Os ingleses permitiram que os cossacos conservassem suas armas.

Finalmente, foram reunidos, num campus, 50.000 cossacos, homens, mulheres e crianças. Entre eles e seus guardas ingleses, logo desenvolveu-se um relacionamento de grande confiança e profunda simpatia: os cossacos eram de opinião que os aliados ocidentais dentro em pouco lançar-se-iam contra a União Soviética. Os soldados ingleses, por seu lado, não sabiam, àquela época, o que se havia acordado em falta. Um dos oficiais ingleses escreveu: "Eram excelentes criaturas, bondosas e corajosas. Confiavam em mim cegamente. Acreditavam em cada palavra que eu lhes dizia."

No entanto, no quartel-gene-

ral do 5º Corpo de Exército Britânico, ao qual pertenciam os guardas ingleses, já fora decretado que os cossacos teriam de cumprir um terrível destino. O Comandante do Corpo, Tenente-General Charles Keightley, ordenou, a 24 de maio de 1945: "É da maior importância que todos os oficiais, em especial os de patente mais alta, sejam aprisionados, e que não deixemos escapar nenhum deles. As forças armadas soviéticas dão grande importância a isso; certamente elas consideram a entrega dos oficiais como pedrada-toque da hora fé britânica."

Lord Nicholas Bethell, o primeiro a avaliar os atos do governo inglês de entrega dos cossacos aos seus inimigos mortais, comentou a ordem, em seu livro *O último segredo*: "Keightley ignorava um fato muito importante, isto é, que todos os oficiais cossacos eram antigos imigrantes que haviam deixado a Rússia em 1920. Nos termos do Acordo de falta, eles não eram abrangidos pelo repatriamento forçado. Isso era desagradável para os ingleses, pois eles sabiam o quanto os soviéticos se interessavam por essas pessoas, e queriam ser o mais amáveis possível com seus aliados."

Os oficiais britânicos das tropas de guarda iniciaram um sórdido jogo de boatos para enganar os cossacos sobre seu destino futuro. Asseveraram aos cossacos que eles, provavelmente, serviriam à Coroa Britâ-

nica, como uma espécie de Legião Estrangeira. Quer dizer, seriam transportados para o Pacífico, para combater, ao lado dos ingleses, contra os japoneses, que ainda estavam em guerra.

Mesmo o comandante da divisão cossaca, o General alemão von Pannwitz acreditou nos hoatos. Um de seus oficiais alemães contou: "Pannwitz era de opinião de que o Corpo deveria permanecer intacto. Ele seria mandado para o Irã, a fim de apoiar a resistência contra os comunistas, que queriam dominar a província do Azerbaidjão." Pannwitz rejeitou a proposta de um de seus oficiais de dissolver o Corpo e promover uma fuga em massa.

Antes de mais nada, os ingleses tinham de fazer com que os prisioneiros entregassem suas armas. Para isso, uma mentira ajudou. Um cossaco sobrevivente contou: "Os oficiais ingleses explicaram-nos que não tinham munição para todas as nossas armas, russas, romenas e italianas. Se quiséssemos servir a eles, deveríamos entregar nossos fuzis e pistolas. Receberíamos novas armas, de modelo inglês. Acreditamos, e fizemos o que eles exigiam."

Mas não havia arma nova alguma. Não havia, também, transporte para o Pacífico e viagem para o Azerbaidjão.

A 28 de maio de 1945, os ingleses ordenaram ao General von Pannwitz e a alguns de seus oficiais alemães que se preparassem para a transferên-

cia para outro campo. Os ingleses levaram seus prisioneiros para Judenburg, à margem do córrego Mur, cerca de 100km ao norte de Klagenfurt. Do lado leste de uma ponte da estrada, esperavam os russos. O relatório oficial inglês sobre esse momento diz: "O General Pannwitz, ao descer do carro que o trouxera à fronteira da Zona de Ocupação Soviética na Áustria, ficou visivelmente surpreendido ao ver os russos. Levantou os braços, e exclamou: Meus Deus!"

No mesmo dia, a maioria dos oficiais cossacos foi separada de seus soldados e reunida em um campo especial. Agora, sabiam o que os esperava. Três oficiais cortaram os pulsos. Uns quantos outros enforcaram-se.

Na manhã seguinte, antes de subir aos caminhões que os levariam aos soviéticos, os condenados promoveram uma missa. Uma testemunha visual narrou: "Oficiais cossacos de todas as patentes ajoelharam-se no chão, alguns deles em prantos, rogaram a Deus, sob a mira das armas inglesas. Um coro foi improvisado, e velhas preces foram cantadas. O padre cossaco levantou a mão bem alto, e aspergiu os crentes com água benta."

Os soldados ingleses expulsaram os oficiais cossacos dos caminhões a coronhadas e a golpes de cabo de pá.

Na Ponte de Judenburg, em cujo lado leste os soviéticos esperavam, um dos oficiais pulou

de uma altura de 30 metros. Ele foi pescado e, arreventado e moribundo, entregue às forças soviéticas.

Um dos oficiais cossacos, logo depois de entregue aos soviéticos, cortou a garganta com uma lâmina de barbear. Morreu no local.

Três dias após os terríveis acontecimentos da Ponte de Judenburg, iniciaram os ingleses a evacuação do campo do vale do Rio Drau, entre Lienz e Oberdrauburg. De baioneta calada, expulsaram os cossacos dos caminhões. Diversos cossacos rasgaram a camisa, mostraram aos soldados o peito nu e pediram-lhes que os esfaqueassem. Alguns tentaram fugir para a floresta vizinha. Os ingleses atiraram para matar. Dois fugitivos morreram, antes de alcançarem a orla da floresta. Mulheres grávidas atiravam-se ao solo e gritavam. Foram igualmente transportadas.

De um campo em Lienz, os ingleses transportaram 4.000 mulheres e 2.500 crianças. Os cossacos que haviam ficado no campo procuraram evitar o transporte de suas mulheres e filhos, formando um denso anel em torno deles. Os ingleses voltaram-se, com baionetas caladas e com coronhadas, contra os cossacos. Lord Bethell conta: "Enquanto os soldados lançaram-se com baionetas sobre a multidão, os cossacos continuaram com suas preces e não se moveram do lugar. Como uma manada de bichos na presença

de um ataque de animais ferozes, eles protegiam suas mulheres e filhos, conservando-as no seu meio, enquanto que, nas pontas, os jovens formavam uma cadeia de proteção para defender os outros." Num relatório dos oficiais ingleses consta: "À medida que alguns na periferia eram arrancados, o resto se reunia numa massa ainda mais compacta; tomados pelo pânico, eles trepavam uns sobre os outros, num esforço desesperado para fugir dos soldados. O resultado foi uma pirâmide de criaturas histéricas, gritando, sob a qual estava um grande número de pessoas. Os soldados esforçaram-se em separar essa massa para salvar a vida dos que estavam comprimidos; com cachos de pá e coronhadas, golpearam braços e pernas, para obrigar alguns a soltar o que seguravam.

Um cossaco contou: "Um soldado inglês aproximou-se do Padre Pantelejmon. Agarrou-o pela hatina, querendo tirá-lo da multidão. Pantelejmon exibiu-lhe a cruz de madeira, para repleli-lo. O soldado recuou."

Nesse tumulto, rompeu-se a cerca do campo. Num instante, diversos cossacos se viram livres. Eles correram para uma ponte próxima, sobre o Rio Drau. O desespero tomou conta de homens e mulheres cossacos. Mães pularam da ponte com seus filhos. Num relatório sobre esse dia de desespero, encontra-se uma descrição que parece arcaica, uma cena de

sombria violência: "Uma jovem com duas criancinhas aproximou-se da margem do rio. Abraçou a primeira por um instante e lançou-a repentinamente no precipício. A outra agarrou-se à barra de sua saia e gritou: 'Mãe, não! Mãe, eu tenho medo!' 'Não tenha medo, eu estou com você', respondeu a mãe, fora de si. Um empurrão com os braços, e a segunda criança precipitou-se no turbilhão da torrente do Drau. Então a mulher levantou o braço, para fazer o sinal-da-cruz: 'Senhor, receba minha alma pecadora', falou ela, e, antes que sua mão tocasse o ombro esquerdo, saltou atrás dos filhos. Num instante, foi tragada pelas águas revoltas do rio."

Um oficial inglês lembra-se de um cossaco que atirou na mulher e nos três filhos e suicidou-se.

Os soldados ingleses e seus superiores ficaram profundamente chocados com esses acontecimentos, mas cumpriram suas ordens. Mulheres e crianças foram trazidas à força e entregues aos russos. Diversos cossacos suicidaram-se durante o transporte. Enforcaram-se com peças de vestimentas, cortaram a carótida com arame farpado.

Oficiais ingleses acompanharam o transporte por algum tempo, dentro da zona de ocupação soviética, e foram testemunhas de como o Exército Vermelho tratou os cossacos. "Eles foram empurrados e golpeados, mas não apresentaram

resistência alguma. Não lutaram, não procuraram fugir. Estavam inteiramente resignados a sofrer o seu destino."

Enquanto os oficiais ingleses estavam nas proximidades, os soldados do Exército Vermelho contiveram-se. Os oficiais de Stalin não queriam maltratar brutalmente as suas vítimas sob os olhares de testemunhas ocidentais.

No entanto, narraram os oficiais ingleses: "Temi que alguns deles não fossem muito longe. Alguns minutos mais tarde, ouvimos rajadas, e estou certo de que muitos deles foram fuzilados na hora, não na plataforma de desembarque, mas num canto, atrás da floresta. Na verdade, não estou certo de que as rajadas se relacionavam com os prisioneiros, mas não posso imaginar que, a essa altura, se atirasse por outro motivo qualquer."

Um outro oficial inglês, que acompanhou os cossacos até Graz, na zona soviética da Áustria, declarou: "Diversos soldados ingleses que lá estavam testemunharam terem ouvido disparos de metralhadora logo após o transporte dos prisioneiros. Na verdade, nenhum soldado viu um prisioneiro ser fuzilado. Não se pode dizer, com certeza, que isto aconteceu; mas, como disse um dos motoristas, James Davidson: "Imaginamos que as rajadas de metralhadora tenham sido o seu fim. Pensamos que eles, simplesmente, tinham sido levados para a reta-

guarda e trucidados. Essa foi a opinião geral."

Um cabo inglês recorda-se: "Um dia, apresentei-me para viajar o lado inglês da Ponte de Judenburg enquanto um comboio com cossacos era entregue aos russos, do outro lado. Na noite seguinte, e durante o dia, começamos a contar as rajadas que, juntamente com os mais belos cânticos de homens que já ouvi, vinham do setor russo. As vozes ressoavam na região. Ouviram-se então aplausos e gritaria, juntamente com o disparo de armas."

Um coro de cossacos em presença da morte.

A massa dos cossacos foi levada para os campos de trabalho da Sibéria. Grande número deles morreu lá.

O comandante da unidade de cossacos, o Tenente-General von Pannwitz, foi levado para Moscou e encerrado na famigerada prisão de Lubianka, juntamente com cinco de seus oficiais cossacos. Ali foram processados. A 17 de janeiro de 1947, anunciou o jornal soviético *Pravda* que o Tenente-Ge-

ral Helmuth von Pannwitz e seus camaradas tinham sido enforcados.

Lord Bethell escreveu: "Desse seis homens, cuja execução foi divulgada, apenas um estaria incluído no repatriamento, segundo o Acordo de Ialta. Von Pannwitz era alemão, falava russo, dentre outros motivos, por ser originário do Báltico. Os outros quatro jamais tinham vivido na União Soviética, depois que ela passou a existir. Apenas uma tênue base legal poderia apoiar sua entrega pelos britânicos e sua execução pela União Soviética. Eles não foram acusados de crimes de guerra, mas foram condenados por terem lutado contra as tropas soviéticas, concluindo-se automaticamente ser isso um ato de traição."

Lord Bethell continua: "Talvez os cossacos fossem ingênuos. Mas, tendo em vista o caráter criminoso do Estado soviético, cuja extensão já foi revelada, dificilmente se poderá asseverar que os cossacos mereceram punição como traidores ordinários."

Cel LUIZ DE ALENCAR ARARIPE - Oriundo da arma de Artilharia, turma de 1943, da Escola Militar do Realengo, cursou a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, turma de 1957, e a Escola Superior de Guerra, turma de 1973. Foi redator da Military Review, em 1965-1966. Serviu no Estado-Maior do Exército, com o General Alfredo Souto Malan, em 1971-1972. Participou da Conferência do Desarmamento, em Genebra, como assessor, de início, do então Chefe do Estado-Maior do Exército, General Emílio Rodrigues Ribas e, posteriormente, do Embaixador Araújo Castro e do Senador Afonso Arinos, em 1962. Escreveu diversos artigos para o Mensário do Estado-Maior do Exército. Passou para a Reserva em 1973.